

Atitude Crente: Oração



Estudos

www.fatima.pt/documentacao

MESSIAS, Teresa – Atitude Crente: Oração. Em VAZ, Carla Abreu, coord. – *Santificados em Cristo: Itinerário Temático do Centenário das Aparições de Fátima: 5.º ciclo*. Fátima: Santuário de Fátima, 2014. p. 27-48.

Teresa Messias

Orar é a comunicação livre e recíproca entre a vida de uma mulher ou homem e o Mistério de Ser que a/o habita, funda e transcende, isto é, Deus. É um intercâmbio, ou partilha recíproca, de vidas feito dentro da experiência do ser: de Deus ser (Pai, Filho e Espírito Santo) e do ser de um homem ou mulher únicos, num concreto momento histórico; é a construção de uma relação consciente, deliberada e original, vivida no concreto de um contexto cultural, entre pessoas que se dão a conhecer e a aceitar umas às outras; é uma aventura de mútuo desvelamento do ser de cada um daqueles que nesse diálogo, vital e simbólico, se dizem um ao outro, num contexto existencial concreto. A oração está orientada para uma experiência de comunhão em amor que se prolonga para além do tempo e da morte, para o íntimo da vida de Deus Trindade.

1. É DEUS QUEM INICIA A ORAÇÃO E NOS PRECEDE

Na experiência judaico-cristã, é Deus quem toma sempre a iniciativa de começar a oração. Deus dá o primeiro passo, faz o primeiro gesto, provoca a primeira experiência que O manifesta e faz conscientemente notado. Foi assim no AT com os profetas e igualmente na vida de Maria e em Jesus. É Deus quem inicia o processo da comunicação de Vida, dando-Se a Si mesmo numa experiência ou acontecimento mediador, interpelando a capacidade humana de relação interpessoal, de aceitação e de resposta consentida e livre. Nós rezamos, enquanto cristãos, porque Deus, na história do Povo de Israel e em Jesus Cristo, se nos manifesta como alguém que é radicalmente afetado pela nossa vida desde a sua origem, como alguém que quer amar, cuidar, libertar, entregar-Se para realizar, dentro de uma relação de consentimento e entrega livre, a pessoa única que somos muito para além do que sabemos ou esperamos. Deus manifesta-se como o Criador da nossa existência, alguém que desde a origem está amorosamente implicado na nossa história e fim. Como alguém que é fiel: fiel a Si mesmo, fiel a cada um de nós e ao amor que nos tem. Fiel até ao extre-

mo da fidelidade (cf. Jo 13, 1) sem jamais vacilar, mesmo – e sobretudo – quando nós somos infiéis: a Ele e a nós mesmos.

Rezamos como cristãos e em Igreja como resposta à manifestação e à Palavra de Deus que se nos dirigiu primeiro. Sempre que Deus Se oferece espera a nossa resposta e reação. A oração do ser humano a Deus é resposta em atitude de credibilidade e confiança ao dom de Si que nos faz. O fundo da oração nasce do desejo de Deus que O conheçamos e aceitemos como Fonte originária de amor, da vida e fim último da realização profunda do nosso ser vivendo uma nova vida recebida no seu Filho Jesus, o Cristo, e partilhada em comunidade ampla, diversa e rica.

A oração é marcada pela imprevisibilidade, pela surpresa e pela escuta de algo que afeta a nossa vida e a solicita para uma resposta que se constitui uma missão: ser presença viva e gratuita da relação vital e transformante que Deus desperta em nós, da Sua vida para/e em nós; relação que não podemos controlar mas na qual recebemos a capacidade de nos deixarmos conduzir e transformar. Na oração cristã estão sempre presentes três polos: Deus, o orante e todas aquelas outras pessoas a quem Deus, por meio da relação estabelecida com aquele que reza, se quer também comunicar e entregar. A oração cristã nunca se reduz a um dualismo ou exclusivismo a dois: Deus-orante. É sempre aberta, universal, inclusiva, gratuita, superabundante. Destina-se sempre aos outros e ao seu bem, porque a entrega recíproca dada na oração gera Vida que Se expande e Se difunde desde aquele que ora e se deixa orar por Deus. A oração é sempre feita em Igreja e visa o mundo todo, mesmo se estamos sós, porque é o Espírito de Jesus que nos abre à oração e nos permite a comunicação com Deus. Há um só Espírito de Jesus que em todos nós abre à Vida, revela a Vida e amadurece em alegria a vida que somos. É esse único Espírito do Ressuscitado que faz a Igreja ser e nunca fica enclausurado nos limites da nossa consciência pessoal ou comunitária.

O apelo à oração atravessa transversalmente toda a Mensagem de Fátima a qual traz em si também a marca da imprevisibilidade, da surpresa, da gratuidade, quase em excesso, desde a primeira aparição do Anjo em 1916. O Anjo que se manifesta às crianças convida-as a rezarem consigo, ensina-lhes uma oração vocal. Na segunda aparição o pedido repete-se com insistência: «Orai, orai muito. [...] Ofereci constantemente ao Altíssimo orações e sacrifícios». Finalmente, na terceira aparição do Anjo as crianças recebem o Corpo e o Sangue de Cristo, isto é, são introduzidas na oração litúrgica e sacramental da Igreja como verdadeira presença e comunhão com a vida de Jesus. A Mensagem de Fátima e o Santuário como lugar de mediação estão profundamente vinculados à oração, à sua importância e eficácia transformativa.

2. IMAGENS DE DEUS E DE NÓS MESMOS

Um dos aspetos mais importantes inerentes à oração de que muitas vezes não estamos conscientes mas que interfere profundamente na nossa abertura e adesão à relação com Deus é a imagem

que d'Ele temos. Às vezes essa imagem pode transformar-se num poderoso preconceito, num certo bloqueio interior. Por outro lado, se correta e positiva, tal imagem pode ser facilitadora da abertura em confiança e verdade da circunstância vital do crente.

Todos trazemos em nós uma imagem de Deus. Em parte, ela é construída pelo que alguém nos transmitiu acerca de Deus, sobre o seu "temperamento" e intenções, sobre a interpretação que nos fizeram (ou fizemos nós) da Bíblia. Também em parte resulta de uma projeção inconsciente das nossas experiências passadas, sobretudo infantis, do modo como fomos tratados, da influência social, da imagem assimilada inconscientemente do que é ser Pai/Mãe¹, do nosso imaginário, da nossa história de fé e oração. Uma das maiores dificuldades que Jesus enfrentou no seu tempo foi precisamente a da imagem deformada de Deus que alguns intérpretes das escrituras judaicas tinham produzido: um Deus distante, legalista, que detestava os pecadores e não tinha compaixão das suas fragilidades, que amava os cumpridores legalistas da Lei, que amaldiçoava as pessoas e punia enviando doenças e sofrimentos. Jesus enfrentou-se com vigor e fortes oposições a esta imagem. Foi da relação orante de Jesus com Deus que nasceu nele um outro rosto de Deus e se desvelou a consciência da sua identidade profunda: Pai e Filho. Um Pai cuja melhor imagem se encontra na parábola sobre o filho pródigo em Lc 15, 11-31.

Quando abrimos a nossa vida em oração a Deus, convém estarmos atentos e conscientes deste fundo da imagem de Deus frente ao qual pensamos, consciente ou inconscientemente, que nos estamos a colocar. Deus não é essa imagem. Deus não se reduz, jamais, a uma imagem que d'Ele possamos fazer. Contudo há imagens mais ou menos fiéis, mais ou menos verdadeiras. Dos acontecimentos de Fátima desprende-se uma imagem de Deus que precisamos aprender a interpretar corretamente: um Deus que está atento aos corações humanos, que se comove com eles, que se preocupa com o seu destino, que os chama à conversão.

Que imagem tenho de Deus? Alguém exigente, com um feitio instável, sujeito a fúrias e vinganças? Alguém capaz de me compreender, acolher na minha fragilidade e pecado sem me repelir, sem me "cobrar" e culpabilizar? Vou colocar-me diante de um Juíz severo ou diante de um Pai/ Mãe, de um Companheiro de vida, misericordioso em extremo? Alguém que me polícia, vigia e pune ou alguém que me olha com ternura e compaixão, com alegria, sentindo-Se feliz na minha felicidade profunda? Alguém avarento com os seus dons e bens e que só a muito custo e com muitos sofrimentos me "dispensa" algumas graças? Ou alguém magnânimo e generoso, mesmo se não me responde no tempo e no modo que eu esperaria? Alguém que se deixa afetar pelas minhas próprias dores e situações de rutura e desalento ou alguém que me olha desde um nível superior, indiferente e distante ao que se passa em mim, à alegria ou ao grito que sai de quem sou? Alguém que me co-

¹ É importante recordar que Deus não se pode reduzir à imagem de um pai ou uma mãe mas é importante sentir liberdade para lidar com as duas imagens e as características pessoais que cada uma delas comunica do ser de Deus mas transcendê-las. A este propósito lê-se no Catecismo da Igreja Católica: «Convém [...] lembrar que Deus transcende a distinção humana dos sexos. Não é homem nem mulher: é Deus. Transcende também a paternidade e a maternidade humanas, sem deixar de ser de ambas a origem e a medida: ninguém é pai como Deus» (CIC, 239).

bra o dever de cumprir regras e leis sem atender à minha situação ou alguém que é Ele mesmo a Lei Viva enquanto Amor que se oferece? Necessitamos abrir-nos a Deus a partir de uma imagem próxima possível ao seu modo de ser para conosco, mesmo se toda a imagem que d'Ele viermos a ter é chamada, com o tempo, a ser superada e transcendida pela experiência da Sua comunicação ao orante.

Uma segunda chamada de atenção torna-se necessária a respeito da imagem que temos de nós mesmos. Como nos tratamos e consideramos a nós mesmos? Em regra, tendemos a pensar *inconscientemente* que Deus nos trata tal como nós, no fundo e não à superfície, nos tratamos a nós mesmos ou achamos que merecemos ser tratados. Se estamos marcados por histórias de falta de amor e valorização pessoal corremos o risco de pensar que não valemos muito para Deus. Contudo, somos de valor infinito para o Senhor: valemos Deus. Valemos o seu próprio Filho que se fez homem por nós e a quem Deus não poupa para nos dar a sua vida e, com Ele, todas as coisas (cf. Rm 8, 32). Deus não está condicionado, no seu amor cheio de afeto e interesse pela nossa vida, pelos mesmos condicionamentos que temos a nosso respeito. Podemos descansar nesta verdade, sem nos julgarmos, sem medo. Mesmo se por vezes nos assalta o medo. Mesmo se o mistério do mal nos toca e afeta. Nas nossas maiores experiências de pecado Deus não está longe de nós e Deus não nos repele: «Eu não vim chamar os justos, mas os pecadores» (Mc 2, 17). Só há uma forma de Deus chamar: com amor, com acolhimento, desejando perdoar e transformar com um novo dom de Si. Importa considerar que tendemos a ser muito punitivos e censores com nós próprios e, desse modo, acabamos por produzir uma imagem de Deus que se parece conosco e O desfigura. Necessitamos de nos descondicionarmos, quanto nos é possível, destas amarras. Ao menos podemos estar conscientes delas. A única verdade importante para a oração é a de que Deus nos ama como somos e no estado em que estamos, mesmo se está longe de ser modelar e trazemos em nós desequilíbrios e fragilidades. Deus ama-nos assim, aqui e agora. Não está à espera de amanhã, de sermos "melhorzinhos" para querer, então, amar-nos e entregar-se-nos na oração. Deus ama-nos agora porque só com o seu amor poderemos ser transformados e verdadeiramente novos. Não merecemos o amor de Deus com as nossas virtudes. Ele declara-o por nós, simplesmente. Podemos contudo colaborar com Ele, pedir-Lhe que nos faça conscientes do Seu amor, deixando-nos transformar, intercendendo a favor de outros. Isso requer um consentimento consciente. E tempo para o desenvolver.

3. DEUS FAZ-SE PRESENTE AO HOMEM, REVELA-SE SENSÍVEL E AFETADO PELA RELAÇÃO COM OS HOMENS E MULHERES

Na história da fé judaico-cristã Deus faz-se presente e notado na vida de pessoas particulares. Por vezes, essa comunicação é descrita na Bíblia como sendo acontecimentos que implicaram escuta de palavras, visões ou sonhos. São sempre atos transformativos, chamamentos a uma mudança

de vida, a uma conversão. Trazem consigo uma missão e são, sempre, destinados também a serem partilhados com outros. Trazem consigo uma inerência de gratuidade e generosidade radicais à transmissão fiel do dom recebido: «recebestes de graça, dai de graça» (Mt 10, 8).

Mas no seu nível mais profundo as várias experiências de oração no AT revelam-nos um Deus que se deixa afetar e precisa de nós. Um Deus que nos quer amar sem se colocar num patamar de insensibilidade ou apatia divina face à relação (sentimentos, gestos, decisões, etc.) que estabelece com aqueles a quem Se entrega. Como toda a pessoa que ama Deus revela-se numa riqueza de sentimentos, estados de alegria ou tristeza, de ternura ou dor, até de indignação ou irritação.

«Ao amar-nos Deus abre a possibilidade de ser alguém de algum modo afetado pelo que nós fazemos. Uma vez que Deus realmente nos ama e tem a intenção de que sejamos seus filhos e filhas, então temos de dizer que o louvor e a ação de graças realmente agradam a Deus, realmente alegram o seu coração, uma vez que aquilo que é sua intenção está a acontecer»².

Naturalmente estes sentimentos são uma interpretação humana à manifestação de Deus. Mas no seu caráter mediado, interpretivo e simbólico eles expressam a sensibilidade profunda de Deus e o modo como o homem também tem, pela força do amor que Deus lhe dirige, a capacidade de provocar um efeito e uma alteração na sensibilidade profunda das Pessoas divinas. Deus é não só alguém que Se revela e manifesta mas é também um Deus que nos escuta, acolhe, recebendo em Si mesmo a nossa própria reação. Responder ou não ao amor de Deus não nos deixará iguais a nós mesmos. Mas também não deixa igual a Deus que se deixa afetar pela qualidade da resposta e do amor que aceitamos retribuir desde a nossa liberdade. Por isso a oração é também uma relação de liberdades, de afetividades, de naturezas e pessoas. O que faço ou não faço, o que sou ou deixo de ser como resposta ao amor que me é anunciado por Deus não O deixa indiferente.

Nos acontecimentos de Fátima impõe-se a declaração da sensibilidade de Deus face aos homens e mulheres. Diz o Anjo às crianças que os corações de Jesus e de Maria estão atentos à voz das suas súplicas (primeira aparição). Na vez seguinte comunica-lhes: «Os corações de Jesus e Maria têm sobre vós desígnios de misericórdia». Finalmente tanto o Anjo como Maria fazem saber às crianças que Deus é sensível ao modo como nós o tratamos e que sofre com isso: Deus é ferido («é muito ofendido»). Também Maria introduz as crianças nos sentimentos de tristeza de Deus e, na medida em que Senhora vive unida a Deus, é sensível e atingida por esses mesmos sofrimentos. O coração de Maria cercado por espinhos que as crianças viram na aparição de 13 de junho é o símbolo de um amor materno magoado enquanto rejeitado e desprezado por aqueles a quem se quer entregar. Deus deixa-se passivamente ferir como é ferido quem, amando, é rejeitado e desprezado pela pessoa que ama na sua intenção de oferecer felicidade e consolação com nada mais e nada menos que a Sua própria Pessoa.

² John H. WRIGHT, "Prayer", in *The New Dictionary of Catholic Spirituality*, The Liturgical Press, Collegeville, Minnesota 1993, 773.

O fundo de relação pessoal de cada homem e mulher é único para Deus e produz n'Ele sentimentos específicos. Dá-se sobre um chamamento contínuo ao abandono de comportamentos, critérios, valores, gestos, uma sensibilidade marcada pelo pecado e pela insensibilidade diante das Pessoas divinas. Gera uma transformação em curso, um diálogo de "consciências" entre pessoas que mutuamente se entregam. Mais do que esperar de nós "virtudes", Deus quer comunicar-se e ser acolhido no núcleo da nossa identidade. As "virtudes" são uma consequência deste acolhimento na oração, não uma sua condição prévia.

O modelo fundamental de oração encontramos-lo no NT, em Jesus. Jesus é o orante por excelência. Toda a sua existência é uma atitude interna de oração. Ele tinha necessidade de dedicar momentos concretos do seu dia e da sua capacidade de ser e fazer a oração pessoal, a sós, com o seu Pai. É dessa oração que brota a Sua consciência de Filho, os gestos, as palavras, o discernimento do que deve fazer e rejeitar. É da sua oração que recebe o impulso e graça da confiança filial que se abre em obediência ao amor recebido do Pai como revelação de Si mesmo à sua humanidade. Desta oração nasce a sua percepção da missão, a escolha dos seus companheiros, os sítios onde deve ir, ficar, anunciar. É, ainda, da sua experiência de oração e entrega ao Pai e a nós que brota a inovação radical de se entregar no pão e no vinho abençoados no decorrer da sua última ceia pascal com os seus discípulos. A oração de Jesus manifesta estados e experiências que são também vividos na nossa oração: reconhece os sinais do Espírito de Deus nos que lhe são desconhecidos (Lc 7, 9-10) e a presença da tentação mesmo nos que lhe são próximos (cf. Mt 16, 22-23). Jesus não se limitou a rezar: ensinou os seus discípulos a rezar (Mt 6, 5-8; Lc 11, 1-4), exortou-os a rezar sem desfalecer e com insistência (Lc 11, 5-8), explicou-lhes o poder da oração (Lc 11, 9-13), rezou por eles ao Pai (Jo 17) e pediu-lhes que rezassem com ele no momento mais doloroso da sua vida (Mt 26, 35-38; Lc 22, 40-42). Estamos todos introduzidos na oração de Jesus ao Pai, sempre e em toda a parte, e não só quando nos lembramos de Deus ou nos sentimos próximos dele: «Pai santo, Tu que a mim te deste, guarda-os em ti, para serem um só, como Nós somos!» (Jo 17, 11). A oração de Deus por nós, a oração de Jesus por nós não se afasta nem diminui quando lhe somos infiéis, quando o rejeitamos ou quando nos deixamos vencer pelas forças de pecado que nos habitam e atuam no mundo. Mas o ato de resposta, a adesão, a entrega, essa, depende da nossa adesão, da nossa liberdade e de uma abertura pessoal.

4. ORAÇÃO E CONSCIÊNCIA DE RELAÇÃO PESSOAL COM DEUS

A consciência de uma relação pessoal com Deus, recíproca e viva, leva o seu tempo a desenvolver. Se para algumas pessoas a pedagogia de Deus consiste em fazer-se-lhes presente de forma sensível e pouco habitual, com experiências intensas e incontornavelmente marcantes da sua presença, como no caso dos Profetas, de Jesus ou de alguns Santos e Santas, na esmagadora maioria das vezes a presença de Deus faz-se primeiramente através da missão de anúncio da Igreja. Deus faz-

se-nos presente através do dom que é o corpo místico de Jesus, da Sagrada Escritura, da Liturgia da Igreja, da graça da caridade fraterna e da presença de cada homem ou mulher, sobretudo os que seguem Jesus e de acontecimentos da história. Estas formas de Deus se fazer presente na nossa vida não devem nem podem ser desprezadas. Por elas Deus faz-nos verdadeiramente presentes, interpela-nos, chama-nos, manifesta o seu amor, exorta-nos à conversão, dirige-nos um amor personalizado. Respondemos-lhe, no segredo da nossa consciência e na vida, também de forma única.

Pode dar-se o caso de se passar muito tempo sem que, apesar da relação fiel com Deus presente na Igreja, no corpo místico de Cristo e nas suas mediações, tenhamos consciência interna de Deus se nos dirigir de modo personalizado, de realizar um diálogo verdadeiramente único com a nossa pessoa e as nossas circunstâncias vitais, de nos interpelar em primeira pessoa.

Isso não significa menor amor de Deus por nós. Faz parte da Sua pedagogia, própria para cada um. Quando assim é continuamos a crescer para Deus caminhando e caindo, ora sentindo o Senhor mais próximo ora muito longe, quase como alguém inexistente e significativo, de facto, nas decisões e na nossa vida. Mas continuamos apoiados a viver em fé. Caminhamos apoiados na Sua revelação, na Sua promessa, na palavra de Jesus e na Sua presença viva na Igreja e no mundo como o Ressuscitado. É precisamente nesta situação de fé em Deus sem experiências sensíveis – que é praticamente a de todos nós – que precisamos de desenvolver uma prática regular e continuada de oração, a sós e em quietude, dando a Deus a ocasião e o tempo para se nos dirigir e manifestar. Experiência profunda disto mesmo teve aquela que viria a ser uma das maiores santas conhecidas da Igreja, Teresa de Ávila. Escreveu ela a esse respeito:

«Por não estar apoiada nesta forte coluna da oração, passei neste mar tempestuoso quase vinte anos. Ora com estas quedas, ora com levantar-me e mal – pois tornava a cair – e em vida de perfeição baixa, que nenhum caso fazia de pecados veniais; e dos mortais, embora os temesse, não era como devia ser, pois não me apartava dos perigos. Sei dizer que é uma das vidas mais penosas que me parece se pode imaginar; nem gozava de Deus, nem achava contentamento no mundo. Quando estava nos contentamentos do mundo, lembrando-me do que devia a Deus, era com pesar; quando estava com Deus, as afeições do mundo me desassossejavam. Isto é guerra tão penosa que não sei como a pude sofrer um mês, quanto mais tantos anos. [...] Daquilo que tenho experiência, posso dizer que, por males que faça quem começou a ter oração, não a deixe, pois é o meio por onde pode tornar a emendar-se e, sem ela, será muito mais dificultoso. E não o tente o demónio, do mesmo modo que a mim, de a deixar por humildade. Creia que não podem faltar as palavras do Senhor, arrependendo-nos deveras e determinando-nos a não O ofender, Ele volta à amizade que tinha e a fazer as mercês que antes fazia, e, às vezes, muito mais se o arrependimento o merecer. A quem ainda não a começou, por amor do Senhor lhe rogo, não careça de tanto bem. Não há aqui que temer senão que desejar. Mesmo quando não for avante mas se esforçar a ser perfeito que mereça os gostos e regalos que Deus dá a estes, pouco a pouco irá entendendo o caminho para o Céu; e se persevera, espero eu na misericórdia de Deus, pois ninguém O tomou por amigo que não lho pagasse. E outra coisa não é, a meu parecer, oração mental, senão tratar de amizade – estando muitas vezes

tratando a sós – com quem sabemos que nos ama. E se ainda O não amais (porque para que seja verdadeiro o amor e para que dure a amizade hão de encontrar-se as condições: a do Senhor já se sabe, não pode ter falta; a nossa é ser viciosa, sensual, ingrata), não podeis por vós mesmas chegar a amá-Lo, porque não é da vossa condição; mas, vendo o muito que vos vai em ter a Sua amizade e o muito que vos ama, passais por esta pena de estar muito com Quem é tão diferente de vós»³.

Em suma: quem não reza ponha os meios e comece sem mais desculpas e atrasos. Quem reza não o deixe de fazer, seja fiel.

5. ORAÇÃO COMO DIÁLOGO VITAL EFICAZ

A oração é um acontecimento de vida e tem uma eficácia própria. Sempre que rezamos fazemos um ato deliberado e consciente de nos abirmos à ação do Espírito Santo e de nos disponibilizarmos para acolher a Sua ação em nós. Nesse sentido a oração é sempre eficaz: Deus entra sempre no nosso coração e toca-o mesmo se não sentimos essa ação. A energia transformante do amor que é a santidade de Deus passa muitas das vezes pela escuta da Palavra das Escrituras. Mas podemos também dirigir-nos a Ele sem o recurso a um texto escrito, seja a Bíblia ou outras orações escritas. Podemos recitar orações vocais (como o Terço) ou pequenas frases repetidas de modo recitativo/ meditativo: um versículo ou uma jaculatória⁴.

Podemos também dirigir-nos diretamente a Deus como o faríamos com alguém presente à nossa frente já que Ele está verdadeiramente connosco, onde quer que estejamos. Deus "está atento" aos nossos corações, mesmo se estamos a sós no nosso quarto ou numa grande multidão. Estamos em geral muito mais distraídos de Deus do que Ele, no Seu amor, alguma vez estará de nós.

Jesus ensinou os discípulos a rezar dizendo-lhes: «Quando orardes, entrai no quarto mais secreto e, fechada a porta, rezai em segredo a vosso Pai, pois Ele, que vê o oculto, há de recompensar-vos. Nas vossas orações, não sejais como os gentios, que usam de vãs repetições, porque pensam que, por muito falarem, serão atendidos. Não façais como eles, porque o vosso Pai celeste sabe do que necessitais antes de vós lho pedirdes» (Mt 6, 6-8).

Não se trata pois de falar muito ou repetir mecanicamente muitas fórmulas ou textos. Trata-se de abrir a nossa pessoa (o coração, a mente, o afeto, a vontade, as nossas capacidades, a nossa presença física, etc.) a Deus e à sua vontade com confiança e escutar interiormente o que acontece. Ao longo da história da revelação muitas foram sendo as formas e os métodos de oração. Elas não estão fechadas. Cada um de nós tem liberdade para criar aquelas formas de oração que enraízam a relação particular que Deus tem connosco e nos ajudam a responder-Lhe e a entregar-Lhe a nossa própria vida. Deus é criativo e, mesmo se existe um notável leque de modos e estilos de oração que faz parte da tradição cristã, o Senhor tem liberdade para nos sugerir caminhos novos e criativos. A

3 TERESA DE JESUS, SANTA, *Livro da Vida*, Cap. 8, parágrafo 2; in IDEM, *Obras Completas*, Carmelo, Paço d'Arcos 2000.

4 Para um contacto mais sistemático com formas, métodos e itinerário de oração sugiro o texto: AAVV., *A fé da Igreja*, Paulus 2014, 334-347.

oração é marcada por atitudes que a definem: ação de graças, louvor, petição, intercessão, abandono, adoração. Faz-se na saúde e na doença, na pobreza e na riqueza, em qualquer circunstância de vida em que estejamos, porque nasce da vida. Por vezes a oração é um cântico, como o *Magnificat* de Maria; por vezes lágrimas, gemidos, o grito de Jesus no Jardim das Oliveiras e sobre a cruz. Tudo é oração porque é a expressão sincera e aberta à comunicação da nossa vida a Deus, é uma entrega do mistério do que somos e do que vivemos ao Mistério maior que nos sustenta no ser em amor: ora feito Palavra ora feito silêncio infinito.

Tal como acontece com uma pessoa, Deus tem uma intencionalidade específica em relação a nós e à nossa circunstância. Ele conhece a nossa história, as nossas características, as nossas capacidades e limites muito mais profundamente do que nós.

A oração enraíza-se na consciência de que Ele é o nosso Criador e, em Jesus, nosso Pai. Deseja dar-se-nos a conhecer e sentir para nos conduzir ao conhecimento do nosso verdadeiro "eu", da nossa identidade profunda e do desígnio único de amor que tem para nos oferecer. A raiz do nosso "eu" é Deus, é a Trindade. Não nascemos de nós mesmos. Os sentimentos e a alegria de Deus – se quisermos, a Sua glória – tornam-se-nos também presentes e conscientes na oração. Somos chamados a dar-Lhe glória como filhos, isto é, alguém que traz em si a mesma vida da qual é criado e gerado em Cristo.

A partir da consciência do que Deus já fez efetivamente por nós em Jesus, e em vista da promessa de Jesus de que faremos obras maiores do que as d'Ele porque foi para o Pai (cf. Jo 14, 11-13), somos chamados a atualizar na nossa vida a própria presença de Jesus no mundo. A oração cristã atualiza o mistério da encarnação do Verbo, atinge o auge no mistério pascal de Jesus e abre-nos plenamente à relação com as três Pessoas divinas que habitam o íntimo da consciência humana. É experiência de filiação e experiência de escuta, de acolhimento dos sentimentos pessoais de Deus por nós, obediência e serviço vital à alegria que é a salvação dos nossos irmãos e irmãs para glória de Deus.

O centro ou dinâmica da oração consiste sempre numa dinâmica de reciprocidade. Mais do que um *fazer* a oração transforma o nosso *ser* pelas graças, dons e carismas que Deus mesmo derrama em nós. Então é possível sentir que, em rigor, não somos nós que nos elevamos a Deus ou nos santificamos, mas é Deus quem age em nós. Ele é que é o Santo que, vindo à nossa consciência, nos transforma e santifica, fazendo-nos sinais vivos da Sua santidade. Deste modo, toda a nossa atividade apostólica vem da relação vital e orante com Deus. Ela é um fruto da santidade de Deus recebida como dom. Jesus viveu esta experiência de modo intenso: «As coisas que Eu vos digo não as manifesto por mim mesmo: é o Pai, que, estando em mim, realiza as suas obras. Crede-me: Eu estou no Pai e o Pai está em mim; crede, ao menos, por causa dessas mesmas obras» (Jo 14, 10-11). Alerta o Papa Francisco a este respeito:

«É preciso cultivar sempre um espaço interior que dê sentido cristão ao compromisso e à atividade. Sem momentos prolongados de adoração, de encontro orante com a Palavra, de diálogo sincero com o Senhor, as tarefas facilmente se esvaziam de significado, abatemo-nos com o cansaço e as dificuldades, e o ardor apaga-se. A Igreja não pode dispensar o pulmão da oração, e alegra-me imenso que se multipliquem, em todas as instituições eclesiais, os grupos de oração, de intercessão, de leitura orante da Palavra, as adorações perpétuas da Eucaristia.

Ao mesmo tempo, "há que rejeitar a tentação de uma espiritualidade intimista e individualista, que dificilmente se coaduna com as exigências da caridade, com a lógica da encarnação". Há o risco de que alguns momentos de oração se tornem uma desculpa para evitar dedicar a vida à missão, porque a privatização do estilo de vida pode levar os cristãos a refugiarem-se em alguma falsa espiritualidade»⁵.

Sendo transformados intimamente na oração pela vida recebida de Deus podemos resituar-nos nas relações familiares, profissionais, sociais, apostólicas, etc., de tal modo que a nossa vida seja a realização de um movimento recíproco: a vida de Deus que vive em nós, a nossa que entregamos a Deus de forma viva e eficaz, na forma de um amor sincero, uno e total através de tudo o que fazemos e de todas as pessoas com quem tratamos.

6. ORAÇÃO, DESEJOS PROFUNDOS E DINÂMICA DE CONVERSÃO

A atitude de oração vive e nasce da escuta dos desejos, vontades ou sedes profundas: as do Pai por nós em Jesus, as de Jesus a nosso respeito, os nossos desejos profundos que se vão manifestando de modo conscientemente gradual. São estes desejos, esperanças, medos, dores, feridas e capacidades que tecem o interior da nossa identidade e é com eles que Deus se quer relacionar, tocar, e nos chama a entregarmo-nos com confiança na relação com ele.

Nesta relação de consciências e desejos acontece o processo de conversão. É marcado por fases e intensidades que se modificam ao longo da vida, segundo a idade e o contexto. Todo o caminho da oração nos levará a depararmo-nos em nós não só com o amor de Deus mas também com o mistério do pecado que nos habita, do desamor, das resistências e incapacidades de confiar, de amar, de nos entregarmos. Também isso faz parte do processo. A purificação da incapacidade de ser fiel a Deus, de avançarmos no caminho de Deus só com as nossas forças faz parte do processo.

O centro da purificação da consciência está no que podemos chamar a graça da conversão. Em Fátima, Maria insistiu muito na necessidade de rezarmos pela conversão dos pecadores. Os pecadores são, poderíamos dizer, os "prediletos" da misericórdia de Deus e dos cuidados maternos de Maria. Maria pede súplicas, orações e sacrifícios (oferta da própria vida) pela conversão dos pecadores de forma constante ao longo de todas as aparições aos Pastorinhos.

Na verdade, a conversão dos afetos profundos, das resistências e apegos a hábitos, ideias, sentimentos, modos de pensar e sentir que são contrários à vida, ao respeito pelos outros e ao amor

⁵ Papa Francisco, Exortação Apostólica: *A Alegria do Evangelho*, 262.

de Deus requer uma ação interna do Espírito de Deus e uma adesão voluntária do homem. Mas o amor e a santidade presentes nuns membros do Corpo de Cristo, graças ao mistério da Comunhão dos Santos, têm uma eficácia capaz de unir e tocar as vidas uns dos outros com uma graça específica de amor que converte. Tal graça é administrada pela iniciativa misteriosa de Deus, no tempo em que Ele decide. A conversão não se "compra" a Deus, não se obtém heroicamente nem por um mero esforço da vontade ou por um ato externo de magia. É fruto de amor pessoal. É o verdadeiro milagre cristão. Escreveu a este propósito André Louf:

«Não pode haver ascese cristã nem esforço ou compromisso cristão que não levem infalivelmente à contrição do coração: nesse ponto zero em que a força pascal de Jesus tudo vence, poderá exercer todas as suas possibilidades e operar maravilhas que excedem os seus esforços mais generosos. Em ascese é inútil falar de heroísmo ou de esforço. Não há senão maravilhas, verdadeiros milagres. Isto vale para qualquer forma de ascese cristã, tanto para o celibato e o jejum como para a obediência e a dedicação ao serviço dos outros. É Deus quem realiza tudo isso em nós, frequentemente quando menos o esperamos e depois da experiência de nos ter ensinado que isso supera absolutamente as nossas possibilidades. Basta, então, prestar-se ao milagre, entregando-se ao seu poder, com a alegria indizível do coração arrependido e contrito que é capaz de confiar no amor de Deus até à loucura»⁶.

Enraizados na graça da contrição e de um coração que sabe que por si só e só com o seu esforço não pode elevar-se ao amor de Deus, podemos ser levados pelo Senhor a outro modo de relação com Ele: uma iluminação interior da Sua presença em nós que está orientada para a experiência da união com Ele. Em tudo isso vai-se manifestando e enraizando cada vez mais um desejo de ser, de nos entregarmos a Deus com a mesma totalidade com que Ele se entrega a nós, de O darmos a conhecer e colaborarmos com Ele na salvação que é a alegria de Deus e dos homens e mulheres, uma alegria que não passa e não engana. O Papa Francisco escreveu na *Alegria do Evangelho*:

«Não nos é pedido que sejamos imaculados, mas que não cessemos de melhorar, vivamos o desejo profundo de progredir no caminho do Evangelho e não deixemos cair os braços. Indispensável é que o pregador esteja seguro de que Deus o ama, de que Jesus Cristo o salvou, de que o seu amor tem sempre a última palavra. À vista de tanta beleza, sentirá muitas vezes que a sua vida não lhe dá plenamente glória e desejará sinceramente corresponder melhor a um amor tão grande. Todavia, se não se detém com sincera abertura a escutar esta Palavra, se não deixa que a mesma toque a sua vida, que o interpele, exorte, mobilize, se não dedica tempo para rezar com esta Palavra, então, na realidade será um falso profeta, um embusteiro ou um charlatão vazio» (n.º 151)⁷.

É dentro de uma dinâmica de conversão que podemos crescer na experiência de Deus cujo critério seguro é o aumento das virtudes teológicas: fé, esperança e caridade. Também estas serão purificadas, amadurecidas e provadas. Por isso, não é incomum, bem pelo contrário, que ao longo da vida do orante Deus permita que tenhamos de enfrentar provas, tanto exteriores como interiores, que nos levam quase aos limites da nossa consciência de fé, de esperança e de capacidade de amar. Às vezes tais provas vêm por acontecimentos também exteriores: perdas (saúde, pessoas, situações

6 A. LOUF, *Ao ritmo do Absoluto*, A.O., Braga 1999, 86.

7 Papa Francisco, Exortação Apostólica: *A Alegria do Evangelho*, n.º 151.

de vida, frustrações, humilhações), dúvidas, rejeições, etc. Tudo isso nos desprende de apoios e seguranças humanas para nos refundar na confiança só em Deus. Não raramente acontece que após períodos de uma grande proximidade e consciência da presença de Deus se experimenta subitamente na oração uma ausência, um silêncio inquebrável, um sentimento de aridez ou mesmo de abandono, uma incapacidade para orar, ausência sensível de fé, de esperança ou de amor. Na verdade esses sinais em geral não querem dizer que estamos longe de Deus mas antes que o Senhor nos trabalha e conduz a um outro nível, mais espiritual e profundo, mais despojado da sensibilidade superficial. É uma graça de crescimento na oração embora pareça justamente o seu contrário.

Crescer na relação com Deus, na experiência da oração e serviço do Senhor acontece também por meio destas provas. Porém, por vezes, podemos ficar em aridez e em impasse espiritual por nossa própria responsabilidade, por cedência a variadas tentações.

Que fazer então? Jamais abandonar a oração mas procurar alguém experimentado no serviço e no amor do Senhor com quem possamos abrir-nos e receber luz, ânimo, conselho, a Graça sacramental de Cristo. Fechar-se em si mesmo e fugir da abertura prudente mas confiante na graça de Jesus presente na Igreja nunca é boa solução. Esse é o momento para confiar no amor de Cristo presente na Igreja que, mesmo se não o sentimos, nunca nos falta e sempre providencia todas as ajudas e graças necessárias ao nosso crescimento, mesmo por caminhos que são, como os de Cristo, em certos momentos, de perseguição, provação, luta e uma certa experiência de morte interior.

7. O OFERECIMENTO DE SI COMO ATITUDE NASCIDA DA RELAÇÃO COM DEUS

A relação de comunicação entre Deus e aquele a quem Ele se revela está marcada pela atitude de entrega. Deus entrega-se verdadeiramente a nós e por nós no Seu Espírito, nos seus dons, no Seu Filho, na sua vida paterna e fontal. É intrínseco ao amor ser difusivo, expansivo, esvaziar-se como forma de se fazer dom à vida daquele a quem se quer dar. Mas também é próprio do amor saber acolher aquele que o ama, recebê-lo em si mesmo, deixá-lo agir e ser em Si. O amor vive deste ato de reciprocidade. Sentiu-o bem Santo Inácio de Loyola quando nos seus Exercícios Espirituais escreveu a propósito da *Contemplação para alcançar Amor*: «O amor consiste na comunicação recíproca, a saber, em dar e comunicar a pessoa que ama à pessoa amada o que tem ou do que tem ou pode; e, vice-versa, a pessoa que é amada à pessoa que ama; de maneira que, se um tem ciência, a dê ao que a não tem, e do mesmo modo quanto a honras ou riquezas; e assim em tudo reciprocamente, um ao outro»⁸.

Depois de recebermos em nós o amor de Deus somos chamados a oferecer-nos a nós mesmos movidos interiormente por esse mesmo amor de Deus que nos convida à entrega ou "devolução" de nós a Deus. Este é o movimento existencial crístico por excelência: receber-se do Pai como Seu enviado ao mundo e entregar-se – devolver-se – ao Pai com amor, confiando na sua fonte e no seu

⁸ INÁCIO DE LOYOLA, SANTO, *Exercícios Espirituais* (Trad. Vital Dias PEREIRA, S.J./ Org. e Notas: F. de Sales BATISTA, S.J.), A.O. Braga 2002, parágrafo 231.

descanso, gerando nessa entrega vida: a vida de todos os homens e mulheres novos que Cristo assumiu gerar.

Uma tal entrega de si não nasce da obrigação, de um sentido de dever mais ou menos formal, de uma "fuga para a frente" como que antecipando o tempo da maturação do agir de Deus em nós. Essa entrega vem naturalmente como resultado de experiência profunda da gratuidade e da entrega que de Si mesmo Deus nos faz. Vem quando já não podemos reter em nós mesmos o amor recebido e nasce o desejo de retribuição, com amor, ao amor recebido. É uma entrega que nasce do afeto eficaz, do conhecimento do amor que Deus nos tem e que lhe devolvemos. Deixa efeitos no mundo, no coração das pessoas, leva-nos a colaborar no ato de um amor gratuito que salva quando recebido. Essa entrega torna-se um compromisso de vida e requer uma ação assumida com liberdade e com responsabilidade.

É a partir da oração e sempre fundados na oração que Cristo faz por nós, em nós e conosco, que somos chamados a uma colaboração comprometida que se torne fundamento de um novo estilo ou estado de vida, que nos leve a assumir novos projetos, companhias, decisões, formações, projetos apostólicos de modo estável, estruturado, permanentemente. Se o pecado cria estruturas e dinâmicas de mal em nós, no mundo e no destino dos povos, o amor e a oração criam oportunidades e estruturas de bem, modificam a personalidade, a consciência e a sociedade pela fidelidade às inspirações que nascem de um coração convertido e comprometido a amar Deus.

O amor compromete-se, é realista, gera ser novo, cria um estado de Aliança interpessoal que se concretiza em responsabilidades concretas e objetivas no mundo, em favor da sua transformação, da sua libertação do mal, do desamor, da mentira, de todo o pecado que nos desumaniza e desvia de uma realização profunda do ser. Trata-se de um compromisso que nos alia tanto a Deus como a pessoas concretas fazendo-nos corresponsáveis uns dos outros, membros uns dos outros, companheiros de caminho como os Apóstolos o foram de Jesus. O essencial da Igreja e do compromisso da Igreja com Deus não está na eficiência organizacional (embora essa seja necessária) mas na profundidade e intensidade do nosso compromisso de amor transformativo com Deus, da qualidade da nossa oração.

Em Fátima, logo na primeira aparição, a Mãe de Jesus perguntou aos pastorinhos: «Quereis oferecer-vos a Deus para suportar todos os sofrimentos que Ele quiser enviar-vos, em ato de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores?» Insisto: o oferecimento a Deus não tem só os sofrimentos que nos acontecem; é toda a vida que pode e deve ser objeto de oferta confiante e agradecida: as alegrias, o amor, os sucessos, os dons, todo o bem e a felicidade recebidos. Contudo, são os sofrimentos, as frustrações, os desânimos, as tentações e as quedas que nos custam mais a viver, a dar sentido positivo, criativo. Tais experiências, ine-

rentes à condição humana ou provocadas pelo mistério do mal e pelo enraizamento do pecado no nosso coração, podem, se vividas desde uma dinâmica de amor transformativo e curativo, abrir caminhos de vida e criar vida nova na fé. Esse é o núcleo do mistério pascal de Jesus. A força do amor que permite viver sofrimentos com confiança em Deus e numa atitude de fé torna-se, no mistério da comunhão dos Santos, em Cristo, uma força que permite tocar muitas outras vidas. A força do amor a Deus de uns torna-se assim, unida ao poder de Deus em Cristo, graça interior que permite libertar as consciências de um estilo de vida, de afetos, de critérios afastados ou contra Deus. A conversão dos pecadores (que somos todos nós) é uma graça que resulta também do amor com que muitos outros crentes aceitam partilhar em si a vida mesma de Cristo e entregar-se também por nós.

Deus pede a cada um a sua própria resposta e o seu próprio caminho de oferecimento. Não tenhamos, pois, medo de sermos originais, de sermos criativos e ousados; e de sermos humildes. As duas primeiras características e a humildade não são, de todo, incompatíveis. O importante é a confiança, o amor e a disponibilidade para aceitarmos que Ele nunca nos faltará com fidelidade e fortaleza para vivermos as entregas que nos pede e que são mediações concretas e sacramentais do seu amor para com o mundo.

«Não temas, filha, eu nunca te deixarei. O meu coração Imaculado será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus», prometeu Maria a Lúcia em Fátima, em 13 de junho de 1917. Esta promessa não é só para a Lúcia. É, rigorosamente, para todos nós, orantes no Santuário de Fátima ou nos muitos lugares onde Deus nos espera, ora como o Pai do filho pródigo, ora como a Voz Complacente ouvida na transfiguração de Jesus no Tabor (cf. Lc 9, 35). Aos muitos erros e desercos da nossa liberdade na história medeia o amor de Cristo, também manifestado e mediado em Maria. A ternura de Deus por nós é maior do que todos os nossos pecados. Ele conhece bem o nosso coração (cf. 1 Jo 3, 18-20) e sabe como converter-nos à sua santidade.

Resta-nos aceitá-lo com um ato interior de confiança orante, em terna gratidão.